

O CENTRO VITAL CONGELADO SE TORNA VIVO

Saudações a todos os meus amigos, a todos os que conheço bem e aos que são novos aqui. Bênçãos para todos. Que a força do amor e da verdade que aqui brota, possa ajudar sempre, onde quer que vocês estejam internamente no seu próprio caminho. E se vocês ainda não tomaram a decisão firme de desenvolver e encontrar seu eu real, de encontrarem seu centro vital, para que a sua vida possa concretizar seu potencial, que estas palavras os ajudem a tomar esta fundamental decisão interior.

Esta palestra prossegue diretamente do ponto em que a maioria de vocês está no caminho. Eu poderia começar dizendo que o progresso que tantos de vocês fizeram é um acontecimento extremamente jubiloso. Pela primeira vez, vocês adquiriram uma experiência pessoal de que o caminho é uma realidade que verdadeiramente leva a bem aventurança. Pela primeira vez, vocês viram que a chave de toda felicidade que se pode conceber está dentro de vocês, que abrigam o tesouro mais valioso – a essência vital. Alguns de vocês já chegaram a ponto de fazer a notável descoberta de verem a teoria se transformar em realidade. Já vivenciaram seu próprio centro interior de vida – o objetivo de todo o trabalho do caminho. Assim, viram que existe uma diferença imensa entre aquilo de que ouvem falar, que lêem, do qual adquirem algum conhecimento intelectual e aquilo que é emocionalmente experimentado. Depois de muito esforço e busca, alguns de vocês atingiram esse ponto.

Muitas vezes o homem começa com uma expectativa errada. Ele acredita que quando entrar em contato com seu eu espiritual, subitamente se transformará numa espécie diferente de ser humano. De fato, todo o seu esforço infrutífero e doloroso vai nesta direção errada. Esse esforço torna o caminho muito mais comprido e desnecessariamente penoso. Isso já foi dito antes, mas parece que as pessoas são incapazes de ouvir e entender. Vocês precisam aceitar a si mesmos e experimentar a si mesmos como são agora, mesmo que isso signifique passar por dor, medo, raiva. Essa experiência não pode ser evitada. É somente aprendendo a fazer isso que vocês podem chegar ao seu centro vital. Mediante esse ato de autoaceitação, as emoções e atitudes indesejadas começam a se dissolver gradualmente. Mesmo antes disso, todo esforço cessa quando vocês descobrem a autoaceitação.

Por meio da expectativa – não verbalizada e, no entanto nítida – de que primeiro vocês precisavam ser diferentes para poderem evitar passar pelos sentimentos indesejados, vocês colocam obstáculos em seu caminho. Aqueles de vocês que já tiveram a maravilhosa experiência do seu centro vital agora sabem que é exatamente por meio da aceitação das emoções negativas que vocês podem dissolvê-las. No mesmo momento em que as emoções negativas ainda estão presentes, vocês começam simultaneamente a sentir uma nova vivacidade que jamais haviam sentido antes. É de fato uma experiência maravilhosa, estimulante e fortalecedora, depois da qual vocês jamais serão os mesmos que antes.

Vamos continuar daqui. Por que vocês não conseguem sentir esse centro vital em seu íntimo? Por que precisam tatear tão intensamente para sentir algo que está no fundo de vocês? Por que ele ficou tanto tempo oculto de vocês? Por que vocês só conseguem encontrá-lo indiretamente? O fato é que o que um dia foi um choque, vocês começaram a anestesiá-lo, a amortecer. O maior infortúnio que um ser humano pode experimentar não é a mágoa, como vocês agora sabem. É a ausência de sentimentos, o amortecimento interior. Em alguma ocasião, esse amortecimento teve o intuito de proteger. Proteger contra a dor, o medo e o desconforto com os quais a pessoa não era capaz de lidar. Naquela ocasião, quando a pessoa era muito nova, essa pode ter sido, de fato, uma solução temporária, pois a mente imatura, com suas limitações, certamente não está equipada para enfrentar e manejar determinadas experiências emocionais e entendê-las de maneira realista. Assim é necessária uma anestesia temporária para a criança sobreviver. No entanto se ela continuar, é efetivamente um processo muitíssimo prejudicial.

Quando algo vivo é amortecido, impermeabilizado contra a reação, toda experiência se interrompe. Esse amortecimento é o que cria a desesperança que todo ser humano sente em certo grau. Isso pode ser bastante consciente ou estar oculto da consciência. É sem dúvida, a maior cruz que se carrega.

Como eu disse, o amortecimento atenua a dor e o medo. Mas ao fazê-lo apaga a própria vida. Torna imóvel o que deve se movimentar. O fenômeno de morrer no mundo físico e material em que vocês vivem é uma expressão de muitas atitudes interiores. No decorrer das nossas palestras falei de uma série delas. Uma das mais importantes é o desejo de não se mover. Isso pode ser comprovado por muitas pessoas. Ele se expressa na percepção de vocês como preguiça, inércia, apatia, até mesmo na percepção consciente de não querer fazer as coisas, não querer mexer o corpo, a mente, os sentimentos. Vocês não querem se lançar na vida, na experiência. Essa atitude gera amortecimento, portanto em última análise, o fenômeno da morte física. Como a vontade e a atitude da pessoa são sempre a causa de todos os acontecimentos externos, também é assim com o fenômeno terrestre universal da morte física. É um resultado direto de não querer sentir, portanto ficar morto, não se mover.

Quando o centro vital é amortecido, o desejo de mover-se também morre. Vocês podem ver por si mesmos que à medida que as pessoas envelhecem, diminui sua vontade de movimentar-se. Em geral as pessoas encontram uma explicação: “Bem, esse é um fenômeno natural do envelhecimento.” Mais uma vez, há uma inversão de causa e efeito. O envelhecimento por si é um processo de morte, é uma manifestação e efeito, não a causa. A morte é resultado de, em algum lugar e de alguma forma, não querer viver, rejeitar aspectos da vida, como sentir, respirar, movimentar-se. Se e quando uma entidade, em sua evolução, atinge o ponto em que abraça e aceita a vida totalmente, com todos os seus aspectos, a morte deixará de existir. Qualquer pessoa que tenha medo da morte deve procurar entender essas palavras num nível profundo de experiência pessoal. Deve descobrir a parte de si mesmo que deseja não estar viva, não se mexer, não sentir. Quando então, ela descobrir sua própria rejeição à vida, deixará de sentir a impotência do medo da morte. Alguma coisa vai mudar a esse respeito.

Vocês também podem observar que os seres humanos que permanecem jovens por muito tempo não perdem a vontade de se movimentar. É errado afirmar que eles não perdem esse desejo pelo fato de permanecerem jovens por muito tempo. O correto é afirmar que permanecem jovens

porque continuam a querer se movimentar. Quem não quer se movimentar precisa entender a razão, que é o que expus aqui.

O medo de se movimentar pode ser determinado de maneira relativamente fácil depois que vocês se questionarem a esse respeito. Assim que vocês deixarem de encontrar explicações para afastar as coisas e fizerem a si mesmos perguntas simples, dando as respectivas respostas, será fácil tomarem consciência do seu medo do movimento. A princípio pode ser que sintam como um simples desejo de ficar mortalmente imóvel, o que de fato não é absolutamente prazeroso. O prazeroso é estar vivo e se movimentar. Quando descobrirem o seu medo de se movimentar, a sua falta de vontade, relutância ou resistência ao movimento – do ponto de vista físico, mas também mental e emocional – terão descoberto a razão de viverem em uma esfera da consciência onde a morte é inevitável. Vocês apressam a morte na medida em que rejeitam o movimento em todos os níveis do seu ser. O movimento é rejeitado porque o movimento desperta o amortecimento. Quando o centro vital é temido porque não se sabe lidar com a dor e o medo, supõe-se que o amortecimento é a solução. E o movimento elimina o amortecimento portanto ele é rejeitado sem que se saiba que o não movimento é o início do processo de morte.

Aqueles de vocês que recentemente tiveram contato – muitos pela primeira vez – com um centro vital até então amortecido sabem que experiência incrível é. Primeiro, vocês sentem dor. Mas à medida que aprendem a aceitá-la (esta ou outra emoção que apareça), também descobrem a enorme diferença entre dor e dor, entre medo e medo, entre raiva e raiva. É a diferença entre uma emoção aceita e uma emoção rejeitada. A emoção aceita não é nem a metade tão dolorosa ou angustiante. Jamais gera ansiedade, tensão, desesperança, amargura, tormento. Jamais coloca vocês numa armadilha de onde não há saída. Jamais fecha a vida. Mesmo quando vocês sentem dor, existe vida em vocês borbulhante, maravilhosa, vida pulsante e a alegria está logo “por trás” da dor, na perspectiva de possibilidades ilimitadas. A dor aceita na verdade não é assustadora, não confunde, não causa conflito. É, ao contrário, muito revitalizante. Quando vocês ousam aceitar esse sentimento, seja qual for e vão mais fundo, ele se transforma. Embora a dor continue lá, ao mesmo tempo vocês se sentem incrivelmente vivos, maravilhosamente vivos. Pouco a pouco, a dor cede lugar totalmente ao prazer. Segurança, esperança, nova experiência – tudo isso está disponível, tudo está iminente, mas apenas através daquilo que já existe em vocês.

Assim, a luta de vocês para fugir dos sentimentos indesejados leva necessariamente a mais luta – na direção errada. Se vocês esperam que o caminho elimine esses sentimentos indesejados antes de vocês os terem experimentado, entendido e sentido, estão num beco sem saída. O caminho é voltado de maneira consequente para ensinar vocês a aceitarem os sentimentos indesejados, não para aprenderem a se livrar deles antes de os terem vivenciado. Este é o grande equívoco, que é difícil evitar por mais vezes que ouçam essas palavras. Luz, bem aventurança, movimento vital interior, só surgem quando o objetivo de vocês é estar nos sentimentos que sempre desejaram evitar. O tesouro que vocês possuem de vida criativa, de vida calorosa, eterna, em movimento, somente se revela a vocês quando seguem este rumo, jamais outro.

Depois que vocês tiverem transcendido o amortecimento e revitalizado o centro vital congelado, jamais será tão difícil realizar outra vez esse feito. Mas uma experiência feita uma única vez não permanecerá. Os reflexos condicionados estão profundamente arraigados. O velho medo vai voltar, talvez totalmente inconsciente, pois conscientemente vocês podem estar cheios de boa vontade e de alegria em permanecer nesse estado maravilhoso. Depois de prová-lo, certamente vocês vão achar

loucura não permanecer nesse estado de ser. Mas alguma outra coisa em vocês está presa aos padrões habituais e não sabe ainda de que outra forma reagir. Portanto, algo recua outra vez diante da vida, principalmente quando existe a ameaça de uma nova experiência dolorosa ou de uma decepção. Esse recuo diante do processo vital amortece vocês de novo, e por isso é preciso começar tudo outra vez. Mas, como eu disse, quanto mais se sente a abertura para a vida, mais fácil fica atingir esse estado e mais força tem o ego para fazer sua parte, para se comprometer de modo plenamente consciente com a vida em todos os seus aspectos.

Quando vocês virem esses reflexos automáticos, também precisam aceitar o fato de que existem aqui processos que não podem controlar pela vontade. Eles funcionam indiretamente – a abertura e também o fechamento. Vocês se abrem não porque tenham decidido e o resultado fica imediatamente visível. Subitamente, parece que algo acontece a vocês, quando menos esperam. No entanto, é um resultado indireto da sua busca, das suas tentativas, dos seus esforços, da sua vontade, do seu compromisso com o processo de autoconhecimento, da sua honestidade em ver e encarar a verdade, da sua disposição em mudar e renunciar a padrões desonestos. Tudo isso gera um resultado, mas parece que esse resultado nada tem a ver com os esforços e atitudes. A bela experiência parece ser gratuita. O mesmo parece acontecer com o processo oposto de fechamento. Vocês podem estar abertos, pulsantes, cheios de vida e de alegria com essa nova situação. Subitamente, sem que entendam por que, se vêem de volta ao velho estado de amortecimento. Também aqui funcionam processos indiretos. Algum medo, alguma defesa, algum recuo interior ocorreu sem vocês perceberem. O trabalho de vocês requer que, aos poucos, vocês tomem contato com esses processos inconscientes. Isso vai acontecer quando vocês aprenderem a interpretar e a dar atenção aos sinais indiretos e às manifestações, seus próprios símbolos exteriores. Não desanimem nem se sintam perdidos porque ainda não compreendem a ligação, ainda não vêem a causa e o efeito do processo de abertura súbita e fechamento também súbito. Esse é um aspecto concentrado do autoconhecimento que também se desenvolve aos poucos.

Simplificando, as emoções predominantes das quais uma pessoa foge e contra as quais se amortece são a dor e o medo, com todas as suas subdivisões, bem como a raiva e o ódio que surgem em consequência. A não aceitação desses sentimentos, dessa experiência específica de vida, cria o seguinte processo: vocês se dividem. Toda rejeição ao que a pessoa sente e experimenta gera a auto-divisão e a luta interior contra o eu. Um lado está morto, o outro está vivo. O processo da vida quer mais vida, com todo o bem que ela contém. Pois a vida é verdade e amor, experiência e prazer, movimento e desenvolvimento, novas aventuras e novos horizontes para o ser. Significa o aumento dos seus potenciais inerentes, como cocriadores do universo. Significa descobrir os poderes criativos interiores. Tudo isso e mais ainda é o processo vital que quer se perpetuar. Ele requer e é resultado da plena aceitação do que é.

Vocês que despertaram recentemente esse centro vital verificaram que a dor difere da dor. A dor que é rejeitada é mais amarga, inquietante e sem esperança. A dor que é aceita é sentida de modo muito diferente. Está muito perto de uma abertura, de uma experiência prazerosa. A negatividade aceita da vida acaba tornando a negatividade supérflua. A experiência negativa rejeitada aprisiona vocês enquanto continuam lutando contra ela.

Vamos tomar a simples experiência do medo. Se vocês recuarem diante do medo, lutarem contra ele e se amortecerem para não senti-lo, vão se tornar escravos do medo. No plano consciente, isso vai se manifestar numa série de medos projetados que, na verdade, nada têm a ver com aquilo

que vocês realmente temem. Quando falo em não rejeitar os sentimentos negativos, não quero dizer que vocês devam querer a dor. O que quero dizer é que, unicamente não recuando e se abrindo para o que vier ao seu encontro, a experiência negativa deixará de existir. Pois vocês a atraem, agarram-se a ela e ficam escravizados por ela se batalharem contra. Quando recuam, lutam contra ela de maneira improdutiva, ineficaz. Sempre que vocês lutam com alguma coisa na vida, necessariamente estão em luta com alguma coisa dentro de si mesmos.

Nada disso deve ser confundido com passividade doentia. Existe, é claro, uma maneira saudável de lutar por alguma coisa. Isso é totalmente diferente de lutar contra alguma coisa. A luta saudável decorre da força e da consciência positiva de almejar uma boa experiência. O segundo tipo ocorre devido ao medo e à fraqueza e foge da experiência. Ao lutar contra a experiência indesejável, vocês amortecem alguma coisa. O que vocês amortecem é uma parte integrante da vida, algo que sente. Se vocês amortecem algo que sente, mesmo que seja negativo agora, vocês eliminam a possibilidade de sentir algo positivo, na medida em que amortecem áreas de si mesmos. Portanto, o lado que está morto perde as oportunidades, se frustra, e o lado vivo precisa lutar contra essa frustração. Qualquer espécie de processo de amortecimento, qualquer tentativa de negar uma genuína experiência interior produz inevitavelmente luta interior e divisão do Eu.

Quem tem medo da mágoa, da dor, da decepção, da frustração, seja do que for, tem medo da experiência em si. Se ele teme a experiência, precisa proteger-se contra ela, de um modo ou de outro. No plano consciente, pode não perceber isso. Na verdade, pode acreditar que está totalmente aberto e pronto para a experiência boa, se não estiver para a dolorosa. Mas se existe medo da experiência dolorosa, a pessoa é cautelosa, não tem espontaneidade, é defensiva, ficando assim apartada de qualquer tipo de experiência. O resultado é que os sentimentos calorosos que trazem amor, companheirismo e intimidade não podem ser plenamente sentidos. Na melhor das hipóteses, eles ficam embotados, e muitas vezes não passam de abstrações da mente. Nada deixa uma pessoa tão insegura e inadequada. Nada é tão inquietante e sem esperança. Se vocês se perguntarem da sua capacidade de ter profundos e calorosos sentimentos de amor, descubram como se defendem de qualquer sentimento e experiência negativos. Aí está a chave.

Assim, fica evidente que o medo da experiência emocional cria frustração, descontentamento e vazio, o que por sua vez gera a luta contra aquilo que é produto dos próprios processos interiores de uma pessoa. Ao instituir processos de morte e fugir da experiência, seja qual for, vocês se dividem internamente. E esta, como já sabem, é a mais dolorosa de todas as experiências: a batalha consigo mesmo, a divisão interior. Todas as outras lutas na esfera terrestre não passam de uma representação simbólica, de uma manifestação da divisão do eu que ocorre em todos os seres humanos em graus variados. A divisão interior não é apenas a causa verdadeira da discórdia, da guerra, da injustiça, do conflito, de todas as insatisfações que vocês possam pensar, mas é também a mais dolorosa experiência dentro do ser humano. O homem se encontra num estado constante de tensão interior, querendo ir simultaneamente para duas direções opostas – de um lado para a vida, de outro, para uma rejeição e uma defesa contra a vida. A frustração que inevitavelmente resulta desse eu dividido, dessa motivação dividida, dessas direções divididas é combatida ainda mais. Esta é uma boa ilustração do processo; ao lutar contra a frustração de maneira cega e destrutiva, a causa não é eliminada. No entanto, é compreensível dizer, na superfície: “Por que eu deveria aceitar uma vida tão frustrante?”. É somente pela aceitação da frustração que ela pode ser entendida e sua causa eliminada. É somente examinando a experiência da frustração até o fim que as outras emoções provocadas por ela vêm à tona: o medo da decepção e da dor, que entorpece os sentimentos, que gera frustração.

O seu processo de entorpecimento, o seu recuo diante dos sentimentos e das experiências interiores, não apenas os escraviza às experiências que negam, mas também cria uma divisão interior, um sofrido estado de guerra interior. Quero enfatizar mais uma vez, para os novos amigos que aqui estão, que quando falo em aceitar emoções negativas, isso não deve ser confundido com atitudes mórbidas e masoquistas de autonegação, em relação à experiência. Não é preciso que vocês desejem a experiência negativa. O que estou dizendo se aplica a um nível muito mais sutil dos sentimentos. Aqueles de vocês que já passaram pelo processo de despertar do entorpecimento do centro vital sabem perfeitamente bem a que estou me referindo. Vocês não precisam chafurdar morbidamente na emoção negativa, mas também não precisam recuar de medo diante dela. Devem dizer “Sim, aqui está. Deixo-a existir. Não luto contra ela em algum movimento interno para rejeitá-la. Quero de fato eliminá-la, admitindo que ela existe. Vejo o que acontece e deixo que ela se dissolva por si.” Isso não tem nada a ver com morbidez.

Quando vocês chegam à experiência traumática que gerou o entorpecimento nesta vida (o que sempre acontece na primeira infância), muitas vezes não é possível reconstruí-la diretamente, pois não há memória suficiente para isso. É possível e necessário, no entanto, reconstruir a experiência emocional mediante a compreensão de algumas reações problemáticas do presente. Isso por sua vez, será reconhecido como uma repetição da experiência anterior desde que vocês não evitem, agora, vivenciar essa emoção problemática. Mais cedo ou mais tarde, ao longo do caminho vão descobrir que as reações problemáticas de hoje revelam o trauma original. Nesse momento, fatalmente vocês vão descobrir onde como e por quê, exatamente, vocês se entorpeceram contra algum tipo de dor. Essa dor temida equivale a uma espécie de reação de choque. Não me refiro à uma única experiência que criou um único choque. A criança pode passar por um choque numa situação dolorosa prolongada ou por um clima sutil em um ambiente ao qual a criança responde com uma maior ou menor defesa de recuo ou entorpecimento. É uma reação de choque. Quando ela é recriada nas reações atuais, vocês observarão com nova percepção, o que fazem os movimentos da alma. Aos poucos aprenderão a estabelecer novas e diferentes reações e movimentos da alma. Em vez de recuar diante da dor temida criando assim todas essas atitudes prejudiciais, contrárias à vida que mencionei, vocês precisam aprender a lidar com essas experiências de uma nova maneira. Precisam aceitar que é preciso encontrar uma maneira totalmente nova de abordar essas experiências das quais um dia fugiram, anestesiando-se contra a dor e o medo.

Se vocês pensarem num ser humano que segue pela vida fisicamente metade anestesiado, poderão facilmente imaginar que tipo de vida seria essa. Seria uma vida embotada, incompleta, com experiências muito limitadas e um grau de consciência muito baixo. É literalmente o que os seres humanos fazem constantemente no que se refere à sua vida espiritual e emocional. Essa anestesia interior acaba afetando também a capacidade de sentir no corpo, de modo que afeta todos os níveis do ser quando o processo se estende por um período de tempo qualquer. Pois ela avança por si mesma. É preciso desfazer a anestesia. É preciso acabar com ela. Quando seu efeito passar, fatalmente vocês vão sentir dor, a dor que um dia congelaram. Essa dor não pode ser curada se vocês não tiverem a coragem de senti-la sem exagerar sua intensidade, o que em si mesmo é outro anestésico. Se ela for aceita na sua natureza real, sem negação ou ampliação, em breve vai diminuir até desaparecer por completo. É algo totalmente diferente da repressão. Esta, prende a energia vital. A outra atitude libera vocês para as experiências alegres, prazerosas, para a força e o deleite. Essa nova abordagem requer uma espécie muito tranquila de atitude de “escuta”. Observem, em vez de controlar. Deixem correr. Quanto mais tensos vocês estiverem interiormente, mais intolerável a dor vai se

tornar. Quando mais descontraídos estiverem, menos severa ela será. Quando temem a dor, vocês recuam e a rejeitam. Em seguida, sentem medo do medo e entorpecem o medo e o medo do medo. Assim vocês se alienam cada mais do ponto em que estão vivos. Ao fazer o que sugeri aqui, vocês de fato usam uma nova maneira, uma nova abordagem para lidar com o que antes os afligia. Essa maneira de lidar com o problema não é um sonhar acordado ilusório. É a atitude mais realista que um ser humano pode adotar. A sua alma dividida se emendará, se unirá.

É necessário dizer que esse processo não pode ser feito de uma só tacada; o processo de entorpecimento não pode ser interrompido de uma só vez. É algo que acontece gradualmente, pouco a pouco, até o processo de morte ser eliminado. Algum dia vocês vão sair desse ciclo em que precisam temer constantemente a morte porque vocês a cortejam, e temer a dor porque vocês não encontram uma maneira significativa e eficaz de eliminá-la de forma realista, saudável, proporcional, descontraída.

Aqueles de vocês que se encontram na etapa do caminho em que, talvez pela primeira vez, sentiram a vida do seu centro interior e talvez também sentiram como ele se fechou, precisam prosseguir agora com renovado vigor nessa mesma direção. Mas desta vez preparem-se – primeiro na mente e pouco a pouco nas esferas mais profundas do emocional – para enfrentar a dor com uma nova atitude, para sentir no seu íntimo e observar o seu recuo. À medida que vocês observarem como automaticamente se encolhem, se tensionam e se retesam, o encolhimento vai diminuir. A contração e o congelamento vão diminuir. Sua percepção do que fazem internamente vai diminuir a intensidade e o ímpeto compulsivo de perpetuar essa atitude anterior. A vida só pode lhes trazer aquilo que vocês perpetuam. Quando deixarem de rejeitar a dor, o medo, a negatividade, quando lidarem com esses elementos, de uma maneira descontraída, real e unificadora vocês terão de fato superado a dor, o medo, a negatividade. Todos vocês que estão no caminho, que experimentaram a estimulante beleza de serem reais mesmo quando estão na dor, terão uma experiência mais profunda e conseqüentemente alegre pelo fato de deixarem de rejeitar a dor.

Há alguma pergunta sobre esse tópico, meus amigos?

PERGUNTA: Os conflitos de que você fala, todos os movimentos não vêm do conflito?

RESPOSTA: Não, o movimento não vem do conflito. Pelo contrário, o movimento é vida. Sempre que há vida há movimento. Se não há nenhum movimento, não há vida. Quando o conflito aumenta sem cessar, em algum momento o movimento diminui, e depois cessa. A entidade totalmente integrada e autoconsciente (o que, naturalmente, está muito além da esfera terrena dualista) vive em movimento perpétuo, alegre. O dualismo (isto é, o conflito) é exatamente o resultado da negação do movimento. O dualismo aqui não é apenas vida versus a morte, mas sim movimento versus não movimento. Embora a morte seja aceita pela personalidade saudável, como um dos fenômenos deste estado de consciência (e portanto o medo dela acaba sendo eliminado) chegará o momento na evolução do ser em que o processo de morrer deixará de existir, onde existirá apenas vida em um movimento de desdobramento cada vez maior.

PERGUNTA: A diferença entre os sexos não é um conflito que gera vida?

RESPOSTA: É um conflito para as pessoas que estão em conflito. Mas para aquelas que estão além do conflito, os dois sexos não geram mais conflito. O conflito jamais pode criar vida, embora a vida possa existir apesar do conflito.

PERGUNTA: A respeito do ponto em que começou a anestesia, eu acho que, bem, parece que no ciclo da vida o abandono exerce um grande papel. Você é abandonado por seus pais. E por sua vez, você abandona a vida ao morrer. Eu penso muito no abandono.

RESPOSTA: Onde quer que a reação de choque interior, o centro vital congelado estiver, isso é o que será preciso vivenciar. Em você, a ênfase é no abandono. Em cada ser humano, existe um outro ponto específico, particular, que é o trauma. A reação de choque na alma pode, em uma situação, existir com relação ao sentimento de não ser amado; em outra é o medo de ser deixado só (como você); em outra ainda é o valor pessoal da individualidade que é negado. Há muitas outras variações de uma experiência basicamente igual ou semelhante. Cada um precisa descobrir qual é a sua ênfase, qual foi o gatilho mais forte na sua alma. Em última análise é sempre o medo da dor e da dor de não ser amado e protegido, acalentado e aceito. Está é em termos gerais, a base. Assim, cada indivíduo tem condições diferentes e portanto os caminhos pessoais, específicos variam. No seu caso, o abandono é a chave, por assim dizer. Portanto, você terá de aprender o seguinte: para transcender o medo de ser abandonado, deixe de fugir do sentimento de “estou sendo abandonado. Essa é a experiência.” As palavras, é claro, são muito limitadas para descrever adequadamente a atitude interior necessária para mudar a dinâmica dos movimentos da alma. Se você procurar ouvir com sua antena interior, vai entender o que quero dizer. Você foi ameaçado de abandono todos os dias, desde a infância. Até pouco tempo, você negava e ignorava esse medo. Agora começa a ter consciência dele. Vá até o fim. Quando vir o fantasma do abandono, observe como reage interiormente. Nenhum processo mental, nenhuma conceitualização mental podem ajudar você a transcender esse medo. Em vez disso, você precisa ver o que isso “faz a você”, que é uma maneira mais correta de descrever esse processo do que “o que você faz”. Não é nada que você faz volitivamente, diretamente. Alguma coisa faz isso em você quando existe ameaça de abandono, e se contrai dentro de você. Ao observar isso, você vai adquirir uma perspectiva diferente e curadora na auto-observação. Você poderá ver como se contrai, como se entorpece, ao negar a experiência do abandono. Ao ver a si mesmo fazendo isso, você vai saber que a negação e a luta fazem o medo aumentar. Você torna a experiência inevitável. Vive constantemente à sombra dela por causa dessa maneira interior de lidar com ela. Agora você pode conseguir passar por essa experiência de uma maneira nova e dizer “Tudo bem, vou tentar, gostaria de reagir de forma diferente. Em vez de me tensionar e congelar, vou aguentar o que sinto. Vou parar de lutar com as emoções que são energia vital e que podem ser usadas de maneira mais construtiva.” Ao fazer isso, primeiro você vai sentir verdadeiramente a dor do abandono, mesmo que seja apenas uma ameaça dela sendo repetida. Ao vivenciar as coisas desse modo, a dor já será muito menor e uma nova força vai começar a brotar em você. Subitamente, você vai ver maneiras novas, diferentes de evitar o abandono. Vai se revelar a você uma nova iniciativa, com muita naturalidade. Você vai adquirir uma maneira nova e produtiva de lutar pelo amor e pela proximidade. Não é a contração e o recuo e sim a atividade relaxada que leva à realização. A velha prática é congelar as energias da vida para não sentir, o que também resulta na criação da dependência fraca e passiva e na não descoberta dos recursos da ação significativa. A atitude defensiva tolhe a vitalidade

e a alegria e emana atitudes negativas que inevitavelmente, vão trazer aquilo que a pessoa mais teme – no seu caso, o abandono.

Meus amigos, para reinjetar vida no que está amortecido, vocês precisam primeiro sentir o que está amortecido em vocês. Vocês dispõem de meios para essa revitalização. Pois existe em vocês uma parte viva que pode desejar, superar, agir. Ainda existe algo que os capacita a virem aqui, ouvirem, trabalharem no caminho. Vocês podem decidir se querem ou não estar totalmente vivos e sentindo e desse modo, experimentando o que a vida tem de melhor, o que vocês têm de melhor.

Sejam a vida, sejam Deus, pois isso é quem vocês realmente são.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.